

SOBRE LITERATURA, DISTOPIA E JOSÉ SARAMAGO  
UMA CONVERSA COM PILAR DEL RÍO

Wagner Merije (Wagner Rodrigues Araújo)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesta entrevista inédita com a jornalista Pilar del Río, também tradutora e escritora, várias questões são abordadas: as reflexões passam pela literatura, memórias, projetos de vida, autoafirmação, distopias, José Saramago, Ignácio de Loyola Brandão, Fernando Pessoa, Miguel de Cervantes e outros autores, Jornalismo, pandemia e Humanidades. Nesta conversa realizada em meio à crise gerada pela Covid-19, a entrevista tece considerações a respeito de sua relação com José Saramago, da possibilidade de a pandemia ser uma nova cegueira, e mesmo se o escritor português teria previsto esta distopia presente. Focada nas Humanidades em geral, a entrevista abrange vários temas importantes, como a distopia, o papel da literatura e o processo de escrita de Saramago, o lugar das memórias, passa pelos projetos de vida, pela busca da autoafirmação, alcançando também outros escritores, como Fernando Pessoa e Miguel de Cervantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Saramago; Pilar Del Río; Distopia; Ignácio de Loyola Brandão; Pandemia

ABOUT LITERATURE, DYSTOPIA AND JOSÉ SARAMAGO  
A CONVERSATION WITH PILAR DEL RÍO

**ABSTRACT:** In this unprecedented interview with the journalist Pilar del Río, also translator and writer, several questions are addressed: reflections pass through literature, memories, life projects, self-assertion, dystopias, José Saramago, Ignácio de Loyola Brandão, Fernando Pessoa, Miguel de Cervantes and other authors, Journalism, pandemic and Humanities. In this conversation, held in the midst of the crisis generated by Covid-19, she makes considerations about her relationship with José Saramago, the possibility that the pandemic is a new blindness, and even if the Portuguese writer would have foreseen this present dystopia. Focusing on the Humanities in general, the interview covers several important themes, such as dystopia, the role of literature and Saramago's writing process, the place of memories, life projects, the search for self-affirmation, reaching also other writers, such as Fernando Pessoa and Miguel de Cervantes.

**KEYWORDS:** José Saramago; Pilar Del Río; Dystopia; Ignácio de Loyola Brandão; Pandemic

---

<sup>1</sup> Wagner Rodrigues Araújo (Wagner Merije) é brasileiro, de Belo Horizonte - MG, e doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Dedicou-se aos estudos das obras de José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão, da distopia e da poesia em língua portuguesa. Organizou e editou diversos livros, entre os quais estão obras de Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, Camilo Pessanha, João José Cochofel, e títulos como *Propostas Novas Para Novos Mundos*, *Coimbra em palavras*, *Coimbra em imagens*, *São Paulo em palavras*, *São Paulo em imagens*, *Pelas periferias do Brasil: vol. VI*, dentre outros. Publicou livros de ficção e não-ficção, incluindo *O Cotovelo Kovid (2020)*, *Psyche & Hamlet vão para Hodiophill (2019)*, *Cidade em transe (2015)*, *Viagem a Minas Gerais (2012)*, *Mobimento - Educação e Comunicação Mobile (2012)* - finalista do Prêmio Jabuti 2013, na categoria Educação, dentre outros. (wmerije@gmail.com)

O encontro da jornalista espanhola Pilar del Río com o escritor português José Saramago mudou a vida dos dois para sempre. Era 1986. Pilar conta que procurou Saramago como leitora e sua admiradora, naquela época impactada pela empreitada do livro *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, publicado dois anos antes. Desse encontro nasceu uma das histórias de amor mais bonitas da contemporaneidade, registrada em livros, filmes e reportagens, e com muitas provas de admiração mútua.

Nos anos em que viveram juntos, até o falecimento do autor em 18 de junho de 2010, aos 87 anos, foram muitos os acontecimentos importantes. Ela o acompanhou e brilhou na entrega do Prêmio Nobel, que ele recebeu em Estocolmo em 1998. Antes, em 1995, José Saramago já havia ganhado o Prêmio Camões.

Por causa das polêmicas em Portugal em torno do livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago e Pilar mudaram-se em 1993 para Lanzarote, uma ilha da Espanha, e lá ergueram uma casa, casa esta em que Saramago veio a falecer 17 anos depois. O local é hoje um lugar de visitação, um dos braços da Fundação José Saramago, cuja sede principal situa-se em Lisboa.

Foram muitas viagens juntos, por todo o mundo. José Saramago passou a ser esperado e celebrado em toda parte. Além de formarem um belo par, Pilar era o braço direito do autor de *Memorial do Convento*, *A Jangada de Pedra*, *O Homem Duplicado*, *A Caverna*, *As Intermittências da Morte*, *Os Poemas Possíveis* e outras obras que serão lembradas durante esta conversa.

María del Pilar del Río Sánchez nasceu em 15 de março de 1950, na pequenina Castril, na província de Granada, comunidade autônoma da Andaluzia, Espanha. É jornalista, tradutora e escritora. Diversos livros de Saramago foram vertidos para o espanhol por ela. Tem um filho, Juan José, fruto do casamento anterior. É co-criadora da Fundação José Saramago, que cuida com muito respeito do legado deixado por este imortal escritor, filho e neto de analfabetas, e que ganhou o Nobel. Após a morte de Saramago, Pilar requereu e conseguiu a nacionalidade portuguesa.

Foi de posse destas informações e uma série de curiosidades que tive meu primeiro encontro com Pilar em 2017, na sede da Fundação, na Casa dos Bicos, em Lisboa, levado pelo Professor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra – ele próprio um dos poucos convidados por Saramago para ir até Estocolmo, naquele apagar do século XX.

A visita guiada quase particular foi um privilégio, com direito a um bom tempo de conversa sobre a Fundação e sua programação de atividades; sobre a obra de Saramago; e ainda sobre os projetos editoriais em curso na época. Um destes projetos era a coleção de títulos do Nobel português, com caligrafias de grandes personalidades nas capas. Também houve tempo para anedotas privadas, como o dia em que Saramago escalou uma das montanhas de Lanzarote sozinho e acabou ficando bastante machucado.

Esta ocasião para mim representava um encontro de literaturas, de um brasileiro atravessando o oceano para encontrar uma pessoa que viveu ao lado de um português, que por sua vez libertou muitas mentes com sua escrita e com seu pensamento. Como um gesto de gentileza, resolvi presentear Pilar com um livro sobre Minas Gerais. Foi

então que ela disse: “*Se queda muy bien en esta sala. ¡Deberías sacar una foto para dejar registrado esto!*”

Depois deste primeiro encontro, outros sucederam-se, como no Congresso Internacional “20 Anos com o Prémio Nobel”, realizado em Coimbra no ano seguinte, que reuniu investigadores do mundo todo<sup>2</sup>. O evento dedicado a Saramago realizou-se às vésperas das eleições presidenciais brasileiras de 2018. Nesta ocasião, Pilar demonstrou publicamente sua solidariedade ao povo brasileiro e sua preocupação com a polarização política.

Pilar sempre se mostrou uma pessoa iluminada, determinada, forte, criativa e com ideias próprias muito interessantes. Estava disposto a levantar novas informações que pudessem enriquecer a investigação que desenvolvo na Faculdade de Letras em Coimbra, intitulada “José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão: distopias em língua portuguesa”<sup>3</sup>, mas não apenas, uma vez que as curiosidades despertadas pelos *Cadernos de Lanzarote* ultrapassam as fronteiras do ficcional. Em meio à pandemia de Covid-19, enviei para ela uma série de perguntas por e-mail, em formato de entrevista.

Algumas das questões que a ela dirigi buscavam respostas para lacunas em minha tese em desenvolvimento. Indagava-me sobre a possibilidade de a pandemia ser uma nova cegueira, e mesmo se teria Saramago previsto esta distopia presente.

Talvez, por causa das turbulências políticas e a ameaça do vírus, e também pela frieza e distância imposta pelos meios digitais, as reflexões trazidas por ela podem parecer um pouco ríspidas, ou mesmo incompletas.

O leitor, entretanto, notará que a conversa é rica, abrange as Humanidades em geral, passa pela literatura, por memórias, por projetos de vida, pela autoafirmação, por distopias, além de tratar sobre o próprio José Saramago e sobre seu processo de escrita, alcançando também outros escritores, como Fernando Pessoa, Miguel de Cervantes, circulando também pelo Jornalismo e por sua noção de futuro. Ao final, fica-se com um gosto de incerteza, contudo sem perder a esperança de que é preciso força e determinação para construirmos novos caminhos que levem os seres humanos a se encontrarem, mais sábios, mais solidários e com renovada capacidade de transformar o mundo para melhor.

A entrevista é apresentada da maneira que foi realizada, com as perguntas em português e as respostas em espanhol.

---

<sup>2</sup> O livro eletrônico resultante com uma seleção dos artigos apresentados no Congresso encontra-se disponível com acesso livre no link: <<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1974-3>>.

<sup>3</sup> Ver entrevista com Ignácio de Loyola Brandão publicada na Revista Blimunda 97, na qual o imortal brasileiro relembra José Saramago. Disponível em: <[www.josesaramago.org/blimunda-97-julho-agosto-de-2020](http://www.josesaramago.org/blimunda-97-julho-agosto-de-2020)>.

**Wagner Merije (WM)** - Antes de tudo, como a Pilar se apresentaria hoje para uma pessoa desconhecida?

**Pilar Del Río (PDR)** - Soy periodista, he trabajado en prensa radio y TV. En 1986 José Saramago y yo nos conocimos y desde entonces decidimos trabajar juntos. Él escribía, yo gestionaba, pusimos en común nuestras capacidades – distintas, cada uno con su dimensión – para vivir y construir juntos. No constituimos una sociedad, éramos un conjunto.

**WM** - Qual sua leitura desta pandemia de corona vírus?

**PDR** - Abusamos como especie. Abrimos agujeros de ozono, provocamos deshielos, alteraciones climáticas, rompimos cadenas biológicas, envenenamos la tierra, es lógico que se hayan desencadenado nuevos virus que luego hemos transportado nosotros, los seres humanos, por los cinco continentes y todas las islas.

**WM** - A realidade é mais absurda do que o próprio absurdo?

**PDR** - La realidad no es absurda, es trágica. No entendimos el progreso como un bien común para facilitar el desarrollo humano y convivencia, se impuso una carrera absurda para tener la hegemonía tecnológica, militar y de mercado. Se confundió la idea humanista de progreso conquistar planetas, poseer más armas, imponer estilo de vida. Así nos va: un virus nos ha demostrado que somos frágiles.

**WM** - O coronavírus é a “insurreiçãõ ética” que Saramago algumas vezes pediu para salvar a humanidade?

**PDR** - Un virus no es una insurrección. La insurrección vendrá de la voluntad colectiva de hombres y mujeres que no se resignen a ser estadística y vivan de acuerdo con valores, esos que conocemos desde la Ilustración, que están recogidos en la Declaración de Derechos Humanos, que no son religiosos, tampoco utópicos, son características de seres humanos que hacen uso de la razón desde la conciencia. Con ciudadanos así podría darse un cambio de paradigma.

**WM** - Você crê que *Ensaio sobre a cegueira* seja mais atual hoje do que quando foi publicado em 1995?

**PDR** - *Ensaio sobre a cegueira* es un romance y es literatura. Describe una sociedad distópica, es ficción, pero a veces la realidad copia la ficción. Los romances no son más o menos actuales, los actuales somos los lectores que entendemos la complejidad de nuestras vidas leyendo y cruzando las puertas que las personas inteligentes y especialmente dotadas, como es el caso de José Saramago, son capaces de abrir con su trabajo.

**WM** - Em que medida você vê a história contada em *Ensaio sobre a lucidez* se repetindo no mundo?

**PDR** - Me temo que la propuesta de *Ensaio sobre a lucidez*, es decir, la ética de la responsabilidad, las salidas colectivas pensando juntos qué sociedad queremos, no se está planteando. Tal vez estén reflexionando en el mundo de la cultura, por cierto, un sector fundamental durante la pandemia. Para los infectados, los cuidados han sido fundamentales, indispensables. Para los demás, la cultura ha sido el sostenimiento del día a día. Sin la música, la literatura, el cine, las visitas virtuales a museos, los video-teatros, el humor, la poesía, no hubiéramos aguantado.

**WM** - Uma vez você disse que "o escritor é uma pessoa que trata de ver o que há por detrás das coisas, de construir num mundo de trevas." Você acha que Saramago construiu os *Ensaio*s se sentindo em um mundo de trevas?

**PDR** - Bajo el aparente orden está la injusticia, que es el mayor desorden y la mayor oscuridad. Mirar más allá de la zona de confort, ver, sentir, pensar, escribir, es lo que hizo José Saramago. Poner una península a navegar, describir una sociedad de ciegos que no ve a la mitad de la humanidad, demostrar lo absurdo de algunas aspiraciones, señalar que podemos vivir instalados en la mentira si Jesucristo no es Dios... Esas son algunas de las cuestiones que José Saramago aborda porque no se queda en la epidermis social. Por eso es el escritor que es.

**WM** - Qual a influência da distopia na escrita de José Saramago, no seu ponto de vista?

**PDR** - El partía de ideas fuertes para contar y decir lo que quería. Desde *Memorial*, pasando por *A Jangada de pedra*, *Caim*, lo que él hace es contar el mundo a partir de una idea fuerte. Pienso que él era un ensayista, era un escritor que encontró su personal forma de hacer, su estilo literario, que poseía un pensamiento fuerte y supo expresarse desde la ficción más rotundamente literaria.

**WM** - Além de distopia, qual uma outra palavra boa para descrever este tempo que estamos vivendo?

**PDR** - En su discurso de agradecimiento del Nobel dijo que se llega más fácilmente a Marte que a nuestro semejante. Pues eso. No es una palabra, es una idea.

**WM** - Em *Último Caderno*, no dia 11 de julho de 1998, encontramos um trecho de carta de Saramago para Cleonice Berardinelli: “[...] Há alguns meses, o Manuel Alegre escreveu-me, a propósito de Todos os Nomes, certas palavras que me perturbaram e me têm perturbado até hoje. Disse ele: ‘Aonde irá você parar? Tenho medo por si...’. Realmente, a partir do *Ensaio* a minha relação com o ato de escrever mudou, o que só pode significar que algo terá mudado em mim. Tenho tentado explicar isto pela metáfora da estátua e da pedra, digo que até ao *Evangelho* andei a descrever uma estátua, a superfície da pedra (a estátua é apenas a superfície da pedra...) e que com o *Ensaio* passei para o lado de dentro, para a pedra só pedra e nada mais que pedra [...]” Como, aos seus olhos, se dá (ou se processa) a passagem da estátua para o interior da pedra, metáfora apresentada por Saramago para descrever a mudança na sua escrita, a partir de *Ensaio sobre a cegueira*?

**PDR** - Estas reflexiones de José Saramago ayudan a entender su obra. Escribir *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* no fue fácil: se enfrentó al mito fundacional de la civilización, no nos olvidemos que estamos en el año tal de la era cristiana. Y él abordó la aparición de Jesucristo desde la responsabilidad y la razón. Decía, por ejemplo, si Jesucristo no era Dios, nuestra civilización está basada en la mentira. Se adentró en el complicado mundo del poder y la manipulación a lo largo de la historia, y se quedó exhausto. Luego nos fuimos a vivir a Lanzarote y la aridez del paisaje le ayudó a reforzar esa idea de que estaba pasando de la estatua a la piedra. Decía muchas veces: hasta el *Ensayo* es como si describiera una estatua, desde el *Ensayo* siento que me interesa más la piedra de la que está hecha la estatua que la propia estatua. Y su estilo de cierta manera se hizo más sobrio.

**WM** - Está fazendo 40 anos da publicação de *Levantado do Chão*, uma das obras que mais ajudou a projetar Saramago. O que pensa sobre esta data e esta obra?

**PDR** - Escribí hace años sobre ese libro, que es la historia de los sin voz, de los que nunca aparecen en los libros de historia ni en los titulares. Es literatura pura, es un grito, es arrasador.

**WM** - Gogol, Montaigne, Cervantes, Fernando Pessoa, eram segundo uma vez declarou, as maiores influências na literatura de Saramago. Como estes autores (e outros) habitavam as estantes e as casas de vocês, naquele tempo e hoje? Ouvia-se alaridos de vozes saindo das estantes?

**PDR** - Están en sus lugares y las personas que visitan mi casa, en Lanzarote, el complejo casa y biblioteca que simplemente llamamos, y en portugués “A Casa”, saben, se lo dicen los guías, que pueden acariciar los libros. Es el gesto de agradecimiento que nos permitimos, acariciar los libros que formaron a José Saramago y que tanto significaban para él.

**WM** - A partir do Nobel, Saramago se emanou em uma missão de mostrar uma cultura, uma língua, ou seja, a portuguesa, e uma forma política de estar no mundo?

**PDR** - A partir del Nobel, no. Ya estaba en eso mucho antes. Y pidió hacer el discurso del Nobel no en inglés o francés, sino en portugués: para que se oyera este idioma en aquella sala y, por los medios que transmitían el acto, en el mundo.

**WM** - A epígrafe que Saramago pôs em *Objeto quase* [livro de contos, 1978], tirada de *A Sagrada Família* (Dizem Marx e Engels: ‘Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente’) explica de modo claro e definitivo o que Saramago tentou exprimir?

**PDR** - Muy claro. Y repetía una y otra vez esa frase, no tenía miedo de citar a Marx y Engels...

**WM** - Uma vez mais vale lembrar umas tantas frases ditas por José Saramago no dia 10 de dezembro de 1998, no brinde do jantar posterior à entrega do Nobel, frases carregadas de ideias que ecoam diante de nós e nos desafiam: “Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não anda a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lhes permitem aquelas que efetivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos 50

anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor.” (Pilar Del Río, 26.09.2018. Alegria e Gratidão. *Jornal de Letras*, p. 8.)  
Como vê a democracia no mundo atual?

**PDR** - La democracia está en peligro en el mundo porque la democracia es cosa del pueblo, de las personas, de los ciudadanos. Si a los ciudadanos no le interesa la cosa pública, si la dejan para grupos, la democracia deja de existir. Aunque formalmente haya habido elecciones. La democracia es gobernar para el pueblo y con el pueblo, no contra. Si se gobierna contra el pueblo no es democracia.

**WM** - O que Bolsonaro (e outros políticos de perfis parecidos) representam para o mundo de ontem, de hoje e do futuro?

**PDR** - Bolsonaro es la representación más aberrante de la sociedad. Pobre sociedad, en qué estado estará, para elegir representante a lo peor que la sociedad vomita.

**WM** - Como lidar com o avanço da direita?

**PDR** - Cultura y sentido común. Valores. Derechos Humanos y Deberes Humanos.

**WM** - Como feminista, como avalia as lutas contra o patriarcado, o machismo, o colonialismo, o racismo e o neoliberalismo hoje?

**PDR** - Es la única salida posible. El futuro será una sociedad de cuidados (no de mercado) con mujeres, cuidadores y emigrantes como protagonistas. El futuro es así o habrá coronavirus envenenando continuamente. Hay injusticias que el propio planeta rechaza. No se puede considerar inferior a la mitad de la población, las mujeres, no se puede discriminar a semejantes porque han nacido en lugares distantes. Esto es de todos o de nadie. Compartimos planeta, obviedad que, a muchos, enredados en luchas tribales, de bloques y hegemonías, no les entra en la cabeza. Se lo haremos ver. Y mientras, que se calmen de sus destronamientos, que el patriarcado tome pastillas porque su mundo y su hegemonía es lo que es, algo sin gloria.



**WM** - Como imagina o mundo nas próximas décadas? Quais saídas tem a humanidade?

**PDR** - No me lo imagino, intento que sea mejor.

**WM** - Em uma entrevista no jornal Público (07/10/18), uma fala sua é citada: “Saramago e eu tínhamos um projecto e esse projecto implicava-o a ele e implicava-me, com as diferenças óbvias. Dentro do projecto Saramago está o pensar, o refletir, a literatura, e estão os direitos e os deveres humanos. Eu estou aqui [em Portugal] como integrante do projecto Saramago. Não sou a única. A Fundação é uma parte do projecto. E o projecto Saramago — chamamo-lo assim depois da morte de Saramago, porque ele não o teria permitido — é um projecto de intervenção cultural, social e política de reflexão.” Até que ponto pensa que avançaram com este projeto?

**PDR** - No voy a ser yo quien evalúe lo que se va consiguiendo, simplemente digo que estamos en eso en la Fundación, sin desmayos ni agendas ocultas: el Proyecto Saramago es una razón para levantarse cada día y para colaborar con quienes, en otros sectores o lugares, tampoco se resignan a que esto sea la vida.

**WM** - Depois de Lanzarote, veio a Casa dos Bicos, sede da Fundação José Saramago em Lisboa, a casa em Azinhaga e a Casa José Saramago em Óbidos, todas em Portugal. Há espaço para levar essa ideia de “Casa Saramago” para mais lugares?

**PDR** - La Casa Saramago en Obidos es un centro cultural, como otros que hay en el mundo, y no es responsabilidad de la Fundación, aunque colaboremos gustosos. La sede de la Fundación está en Lisboa y hay una pequeña extensión en Azinhaga. Lanzarote es la casa de José Saramago y ahí se recibe y se comparte la emoción continuada que fue para el autor vivir y trabajar en esa Isla.

**WM** - Como fica o Jornalismo nestes tempos de *fake news* em massa e de ataques violentos à imprensa tradicional por parte de alguns governantes?

**PDR** - Tendrá que reinventarse y ser más honesto. Las empresas, tantas veces en manos de sociedades de inversión que solo quieren lucros, los periodistas, que son capaces de fomentar políticas de odio sin discutir suponiendo que por ahí salvan su salario, que no esgrimen códigos de buenas prácticas y no se sindicán. Las complicidades con el poder no han dado buenos resultados para los trabajadores del Periodismo y me temo que tampoco para las empresas. El periodismo serio y riguroso

podría morir sin nadie que le llorara. Ojalá no se llegue tan lejos y la dignificación de la profesión sea una realidad más pronto que tarde.

**WM** - Como podemos recuperar o papel da imprensa?

**PDR** - Con honestidad, sin servilismo.

**WM** - Quando você se abandona à imaginação e ao ócio, consegue se ver onde e como no futuro?

**PDR** - No, consigo ver el futuro ni verme en él, prefiero estar en el día a día y ocupada en el trabajo que queda por delante. Cumplir un compromiso que suscribí es mi techo de imaginación.

**Recebido em:** 21/07/2020

**Aceito em:** 18/09/2020

**Referência eletrônica:** ARAÚJO, Wagner Rodrigues. Sobre literatura, distopia e José Saramago: uma conversa com Pilar del Río. *Criação & Crítica*, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.